

Bases organizativas da ascensão da direita e do projeto de fascistização no Brasil (2002-2022)

Gilberto Calil¹

Resumo

Este artigo visa refletir sobre as bases organizativas da ascensão da direita ao longo do período 2002-2022, identificando as distintas etapas deste processo. Parte da perspectiva de que não se trata de um processo repentino, mas alicerçado na estruturação sistemática de instrumentos organizativos e de propagação ideológica que ocorreu de forma constante e progressiva ao longo do período 2002-2013 e que tomou novo impulso com a crise política instituída a partir de 2013 e com as mobilizações pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2015-2016, redundando na conformação do bolsonarismo e na eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República em 2018. Para tanto, propõe-se investigar: a) a estruturação ao longo deste período de aparelhos privados de hegemonia articulados a partir de perspectivas que podem ser qualificadas como direita radical, nova direita ou direita fascizante; b) As disputas no interior da direita entre vertentes distintas, que se exacerbam no período 2015-2018, para finalmente confluírem majoritariamente na candidatura de Jair Bolsonaro; c) a conformação de um projeto de fascistização, que tem como objetivo a fragilização das instituições do Estado de Direito vigente, visando preparar condições para uma ruptura institucional.

Palavras-chave

Hegemonia; Nova Direita; Olavo de Carvalho; Ascensão da Direita; Fascistização; Bolsonarismo

Organizational bases of the rise of the right and the project of fascistization in Brazil between 2002 and 2022

Abstract

This article intends to reflect on the organizational bases of the rise of the right over the period of 2002 to 2022, identifying the different stages of this process. It starts from the

¹ Professor Associado do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE. Realiza estágio de Pós-Doutoramento na Universidade Federal Fluminense, sob supervisão do Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos. Líder do Grupo de Pesquisa História e Poder e editor da Revista História & Luta de Classes. gilbertocalil@uol.com.br

perspective that this is not a sudden process, but based on the systematic structuring of organizational instruments and ideological propagation that occurred steadily and progressively over the period between 2002 and 2013 and that took on a new impetus with the political crisis instituted in 2013 and with the mobilizations for the impeachment of President Dilma Rousseff in 2015-2016, resulting in the formation of Bolsonarism and the election of Jair Bolsonaro to the presidency of the Republic in 2018. For that, it is proposed to investigate: a) the structuring throughout this period of private devices of hegemony articulated from perspectives that can be qualified as radical right, new right or fascist right; b) The disputes within the right wing between different strands, which exacerbated in the period 2015-2018, to finally converge mostly in the candidacy of Jair Bolsonaro; c) the conformation of a project of fascistization, which aims to weaken the institutions of the current State of Law, aiming to prepare conditions for an institutional rupture.

Key Words: Hegemony; New Right; Olavo de Carvalho; Ascension of the Right; Fascistization; Bolsonarismo

Introdução

Entre março de 2015 e março de 2016 ocorreram cinco grandes manifestações de caráter nacional com perfil claramente vinculado à direita² do espectro político, ainda que conformado de forma plural, agregando desde grupos identificados com a direita liberal até pequenas organizações claramente fascistas (como neointegralistas e skinheads). Ao longo destas manifestações tornaram-se cada vez mais visíveis faixas e cartazes com proposições associadas à extrema-direita, como as que demandavam “intervenção militar constitucional” ou que pediam o fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal. Foram seguramente as maiores manifestações de caráter conservador e perspectiva política direitista realizados desde as “marchas da família com Deus pela liberdade” ocorridas em 1964.

Dois anos antes, em junho de 2013, nas grandes manifestações movidas inicialmente por pautas usualmente associadas à esquerda (redução do preço da passagem do transporte, mais investimentos nas áreas sociais e denúncia da repressão policial), já se podia observar a

² É importante ter claro que termos usualmente tomados como equivalentes – direita, nova direita, extrema-direita, conservadorismo, reacionarismo – precisam ser problematizados e discutidos em suas especificidades. Ainda que nesta apresentação inicial do objeto estas distinções não sejam feitas de forma detalhada, é importante ressaltar a necessidade de um cuidadoso debate teórico e tratamento específico das distintas organizações, de forma a evitar generalizações indevidas.

presença de palavras de ordem que se poderia associar à direita, como a exacerbação de um nacionalismo ufanista e a propagação de um discurso anticorrupção que tendia a associá-la exclusivamente aos governos petistas. Naquele momento, no entanto, embora estas pautas conservadoras se fizessem visíveis nas grandes manifestações, não tiveram sucesso as tentativas de convocação de manifestações explicitamente articuladas em torno destas pautas.

É inegável, portanto, que 2013 e 2015/6 foram dois momentos importantes para o processo de ascensão da direita que redundou na eleição de Jair Bolsonaro em 2018, tendo propiciado, respectivamente, a primeira experiência na participação em manifestações de massas para grande parte dos ativistas de direita, e as primeiras grandes manifestações de massa de caráter essencialmente direitista/conservador. Como compreender este processo? Nossa hipótese central é que a explicação destes sucessos deve ser buscada no processo de constituição de aparelhos privados de hegemonia de caráter direitista / conservador / reacionário / fascizante ao longo da década anterior, cujos efeitos políticos, ideológicos e organizativos puderam então ser plenamente observados em 2015/6. Para observar este processo, é importante deslocar o foco dos partidos políticos e dos resultados eleitorais para as organizações constituídas no âmbito da sociedade civil, que em uma perspectiva gramsciana, compreendemos como aparelhos privados de hegemonia.³

A construção das bases organizativas da direita fascista

O ano de 2002, quando Luís Inácio Lula da Silva foi eleito presidente, foi também o ano em que constituiu o Mídia sem Máscara, uma página eletrônica criada e mantida por Olavo de Carvalho e que ao longo dos anos disseminou diversas concepções reacionárias e fascizantes que posteriormente constituiriam as bases do que se conformaria como ideologia do bolsonarismo. É um marco importante porque não se trata de um aparelho que se

³ A proposição deste conceito deriva da ampliação da noção de Estado. Conforme Gramsci, “*por ‘Estado’ deve-se entender, além do aparelho de governo, também o aparelho ‘privado’ de hegemonia ou sociedade civil*”. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Volume 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 254-255. A historiadora Virgínia Fontes propõe que este conceito “remete para a organização (produção coletiva) de visões de mundo, da consciência social, de ‘formas de ser’ adequadas aos interesses do mundo burguês (a hegemonia) ou, ao contrário, capazes de opor-se resolutamente a esse terreno dos interesses (corporativo), em direção a uma sociedade igualitária (‘regulada’) na qual a eticidade prevaleceria (o momento ético-político da contra-hegemonia)”. FONTES, Virgínia. *Sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e luta teórica na década de 1980*. In: NEVES, Lucia Maria Wanderley & LIMA, Júlio César (orgs.). *Fundamentos da educação escolar do Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPISJV, 2006, p. 201-239, pp. 211.

identificasse abertamente com o empresariado ou que estivesse diretamente voltado à defesa dos interesses de alguma fração da burguesia brasileira, como as tradicionais federações, confederações e entidades empresariais setoriais. O Mídia sem Máscara (MSM) se constituiu como instrumento de combate e disputa na guerra de posições, se articulou com um conjunto de iniciativas semelhantes e fomentou outras tantas. A pesquisa do historiador Lucas Patschiki⁴ defendida sob nossa orientação em 2012 - quando Olavo de Carvalho era ainda considerado mais como folclórico do que como intelectual organizador da direita brasileira -, analisou os primeiros dez anos da trajetória do Mídia sem Máscara e evidenciou a constituição de uma rede que articulou aparelhos, organizações e intelectuais de extrema-direita calcada em extremado anticomunismo. Estruturado como página eletrônica, mas difundindo-se especialmente através da extinta rede social Orkut, o MSM apresentava-se como uma espécie de “Observatório da Imprensa” e difundia a tese de que toda a grande imprensa brasileira era esquerdista e “infiltrada” por comunistas. Tendo em vista a configuração conservadora da grande mídia brasileira, é compreensível que as teses de Carvalho não tenham sido levadas a sério por pesquisadores e que fosse objeto mais de observações jocosas do que da tentativa de compreender sua efetividade na propagação de uma ideologia reacionária. No entanto, como já argumentamos,⁵ o fato de serem absolutamente irrealistas não significa que tais teses não angariassem adeptos ou que não produzissem efeitos concretos na realidade, pois “a ressonância de suas ideias se deve ao fato de que dá respostas simples aos temores de uma pequena burguesia em crise”.⁶ Assim, ao longo dos anos, tais ideias foram gradativamente ganhando terreno, como indicou Patschiki:

A observação mais detalhada desta rede delimita e afirma a penetração social de seu discurso, seja entre entidades da burguesia (...), bem como entidades da pequena burguesia (Associação Comercial de São Paulo, Instituto Federalista, etc.), religiosas (TFP, blogs e sites cristãos), de associações pró-família (talvez os mais enfáticos em reproduzir os argumentos do MSM sobre a “crise da humanidade”), etc. Afirmando diferentes frentes que intencionam a “contrarrevolução” moral do homem o MSM atua tanto em sua rede extrapartidária quanto através desta buscando a formação consciente de uma base militante, “combatente”, em uma série de trincheiras (baseando-se em diferentes instituições tomadas

⁴ PATSCHIKI, Lucas. *Os litores de nossa burguesia: o Mídia Sem Máscaras em atuação partidária*, Dissertação de Mestrado de História. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2012.

⁵ CALIL, Gilberto. *L'astrologue qui inspire Jair Bolsonaro*, *Le Monde Diplomatique*, Paris, n° 791, 2020, p. 16

⁶ CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a Ascensão da extrema-direita. *Argumentum*, Vitória, 13, no. 2 (agosto 2021), p. 64–82.

como “decadentes”, como a Igreja, a religião cristã, a família, o exército, etc) contra uma guerra “cultural” que perpassaria e contaminaria a totalidade do corpo social.⁷

A projeção de Olavo de Carvalho e de suas ideias não se deu de forma “espontânea”, como o próprio costumava afirmar, mas foi alicerçado em sólidos apoios empresariais. Um dos mais importantes foi oriundo da Associação Comercial de São Paulo, dirigida por Guilherme Afif Domingos, que lhe abriu as páginas do jornal *Diário do Comércio*, no qual Carvalho manteve coluna regular até 2016 e também o apoiou na publicação de vários livros. Na introdução de um deles, Afif Domingos endossava abertamente a tese de Carvalho em relação ao suposto domínio ideológico comunista, afirmando que “*o que se assiste no Brasil é a predominância quase esmagadora, tanto na mídia como nos ambientes universitários, de uma única corrente de pensamento*”.⁸ As páginas do *Diário do Comércio* permitiram a Carvalho aprofundar seus laços com a pequena burguesia, camada social que constituiria a principal base de massas e eleitoral do bolsonarismo. esta base social vinculada à ACESP, constituída fundamentalmente pela pequena burguesia urbana, teve papel decisivo na disseminação de ideologia propagada pelo olavismo e durante o governo Bolsonaro foi protagonista da mobilização contra as políticas de isolamento social no contexto da Pandemia

Em termos políticos, a rede de relações construída por Carvalho já prenunciava a aliança de forças que sustentaria o bolsonarismo. Patschiki identifica laços sistemáticos com o movimento Escola sem Partido (constituído em 2004), o Instituto Mises Brasil (criado em 2007), com grupos militares negacionistas da ditadura brasileira e com lideranças fundamentalistas ligadas à Igreja Católica e a diversas denominações pentecostais e neopentecostais.⁹

Em termos ideológicos, a visão de mundo propagada por Carvalho estrutura-se como uma grande teoria da conspiração, na qual o elemento central organizador é a tese de que, nos marcos de um suposto “marxismo cultural”, estaria em curso o plano de dominação marxista através do desenvolvimento de uma “revolução gramscista”. O revolucionário sardo é uma obsessão de Carvalho desde a publicação de *A nova era e a Revolução Cultural: Fritjof*

⁷ PATSCHIKI, 2012, op. cit., 323.

⁸ AFIF DOMINGOS, Guilherme. Informar e estimular o debate. In: CARVALHO, Olavo. *Cartas de um terráqueo ao Planeta Terra*. São Paulo: Jornal do Comércio, 2007, p. 3.

⁹ Diversas pesquisas em âmbito de mestrado e doutorado desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE abordam estas organizações. Uma parte delas é citada na sequência.

Capra e Antonio Gramsci, em 1993. De acordo com o cientista social Leonardo Puglia, o nome de Gramsci aparece “318 vezes se somarmos as quatro obras mais influentes publicadas pelo autor”.¹⁰ Para Carvalho, o “gramscismo” seria um vírus altamente contagioso, de “caráter sorrateiro e manipulador, destinado a fazer outras classes aceitarem o domínio comunista sem ter consciência do processo”.¹¹ A partir deste marco geral, Carvalho propugnava que a estratégia “gramscista” estaria baseada na “destruição da família” e na imposição de uma “ditadura gayzista”, e que o agente promotor esta estratégia seria “Foro de São Paulo” (organização que reúne os partidos de centro-esquerda latino-americanos). A despeito da variedade de temas e do caráter inusitado de alguns, o virulento anticomunismo é seu estruturador central, como já identificava Patschiki:

O anticomunismo foi o elemento unificador de todos os intelectuais do MSM, é o fio condutor de toda sua ação política, que escapa do simples discurso, pois apropria-se deste para a atuação efetiva, para seu posicionamento estratégico, sob a forma da guerra de posições. Institui-se, desta forma, uma rede partidária que redimensiona e amplifica o seu alcance político, articulando uma série de grupos políticos conservadores e reacionários em uma perspectiva ofensiva.¹²

Com perspectiva semelhante, o Escola sem Partido (ESP) constituiu-se em 2004, tendo como eixo principal a denúncia da “infiltração comunista” nas escolas e transportando para o ambiente escolar a mesma abordagem que Carvalho direcionava à imprensa. Sua intervenção organizou-se em torno da denúncia contra professores supostamente “doutrinadores” e materiais didáticos “esquerdistas”. Constituindo-se essencialmente como movimento anticomunista, ao longo dos primeiros anos de sua trajetória o ESP teve uma difusão limitada. No entanto, ganharia maior impulso a partir de 2010 com a adoção do eixo moral, ao criticar o Programa Brasil sem Homofobia (que propunha atividades educativas para o combate à discriminação) e designar seu material didático-educacional como “kit gay”. Um novo impulso se daria com a aproximação com a família Bolsonaro, o que tornou possível no ano de 2014 a apresentação de projetos de lei baseados no Escola sem Partido na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro (Carlos Bolsonaro) e na Assembleia Legislativa do

¹⁰ PUGLIA, Leonardo. Gramsci e os intelectuais de direita no Brasil contemporâneo. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2018, p. 40-52 (p. 42).

¹¹ PATSCHIKI, 2012, op. cit., 48.

¹² Idem., 332

Rio de Janeiro (Flávio Bolsonaro).¹³ Para além dos projetos, o Escola sem Partido utilizou-se de diversos recursos para impor a intimidação dos professores, denunciando aqueles desenvolviam propostas pedagógicas que contemplassem temáticas tidas como “esquerdistas” ou “ímorais”.¹⁴ A interdição do debate de gênero – sob o pretexto do enfrentamento à propagação de uma suposta “ideologia de gênero” - foi decisiva para a consolidação da força do ESP e sua articulação com setores fundamentalistas da Igreja Católica (ligados ao movimento Renovação Carismática), pentecostais e neopentecostais. Trata-se de um movimento que teve grande importância na projeção de Jair Bolsonaro, que, em sua campanha presidencial de 2018 utilizou-se fartamente da crítica à “ideologia de gênero” e à suposta “ditadura gayzista”, propagando inúmeras *fake news* relacionadas a estas temáticas e ao mesmo tempo amplificando e naturalizando a prática de disseminação de notícias falsas.

Outra organização que teve expressiva importância para a disseminação de visões socialmente direitistas foi o Instituto Mises Brasil (IMB), constituído em 2007 e voltado à propagação do ultraliberalismo econômico. A pesquisa do historiador Raphael Dal Pai investigou a constituição e atuação política do Instituto Ludwig von Mises Brasil, compreendido como um aparelho privado de hegemonia “anarcocapitalista”, voltado à defesa da liberdade econômica ilimitada e, portanto, à oposição contra qualquer regulação ou limitação socialmente estabelecida. O IMB constituiu sua rede de relações com organizações como o Instituto Millenium, o Instituto Liberal, o Movimento Brasil Livre, o Instituto Ling, o Partido Novo e o Atlas Network.¹⁵ O IMB atuou sobretudo através da internet, disseminando valores ultraliberais e realizando uma formação política condizente com este ideário. Sua atuação é marcada pela disseminação de textos pretensamente “teóricos” e de “formação”, com cursos de verão destinados à formação de intelectuais orgânicos disseminadores do ultraliberalismo. Um elemento destacado de sua atuação é o ataque às liberdades democráticas sempre que representem um entrave ao irrestrito desenvolvimento capitalista, como indica Dal Pai:

¹³ MOURA, Fernanda. “*Escola sem Partido*”: relações entre Estado, educação e religião e os impactos no ensino de História. Dissertação em Ensino de História, Rio de Janeiro, UFRJ, 2016, 31.

¹⁴ PAIVA, Gabriel. *A influência do Movimento Escola sem Partido no debate educacional brasileiro: da suposta neutralidade à defesa do Homeschooling (2004-2020)*. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2021.

¹⁵ DAL PAI, Raphael. *Instituto Ludwig von Mises Brasil: os arautos do anarcocapitalismo*. Dissertação de Mestrado em História. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2017, p. 203.

Os ataques à democracia representativa se inserem em um quadro de contestação do neoliberalismo. O apelo por “menos democracia” se relaciona com a necessidade de conter as manifestações que pedem “para se acabar com algo que chamam de ‘capitalismo excludente’ ou ‘capitalismo selvagem’”. O ponto também se articula com a argumentação de que a crise é o resultado da intervenção dos governos na economia. Neste sentido, a “saída para a crise” seria “mais capitalismo” ou então uma forma “pura” de capitalismo representado pela defesa do “livre mercado irrestrito”. O avanço do neoliberalismo no Brasil se articula com os ataques à democracia liberal, vista pelos intelectuais da chamada Escola Austríaca de Economia, e pelos articuladores do IMB, como um entrave ao acirramento das relações capitalistas de produção.¹⁶

Também no campo da defesa do ultraliberalismo econômico, mas com maior capacidade de mobilização social, se constituiria em 2013 o Movimento Brasil Livre (MBL), a partir de uma organização anterior, o Estudantes pela Liberdade (EPL), seção brasileira do Students for Liberty. O EPL foi constituído em 2012, com volumoso investimento de fundações conservadoras estadunidenses como a Atlas Network. Sua ação política se desdobraria no ano seguinte na fundação do MBL, tendo em vista o interesse de seus criadores em contar com uma organização que pudesse promover manifestações abertamente políticas (algo que o EPL estava impedido de fazer, em virtude do recebimento de financiamento estadunidense). De acordo com o historiador João Elter Miranda, “o MBL seria o braço de atuação do Estudantes pela Liberdade (EPL) em manifestações de rua. Essa instituição seria a versão brasileira da organização internacional *Students for Liberty*, ligada à Atlas Network, com ligações também com organizações burguesas brasileiras, como o Instituto Millenium”.¹⁷ O MBL ganhou força a partir de 2014 e especialmente de 2015, assumindo um discurso anticorrupção e antiestatista, com forte presença nas marchas contra a presidenta Dilma Rousseff.

Estas quatro organizações são parte de uma constelação muito mais ampla de aparelhos privados de hegemonia constituídos no âmbito da sociedade civil e, com especificidades próprias de cada um, voltados à disseminação de visões conservadoras, antipopulares, anticomunistas, antifeministas e ultraliberais. O fato de que apresentam como iniciativas desvinculadas de partidos políticos ou entidades de classe do empresariado – a despeito de conexões com ambos – potencializou seu alcance e tornou possível que tenham se

¹⁶ Idem, 111.

¹⁷ MIRANDA, João Elter. *A patrulha ideológica da burguesia: a atuação do partido Movimento Brasil Livre na construção do Golpe de 2016*. Dissertação de Mestrado em História. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2021.

apresentado como iniciativas “autônomas”. Ainda assim, sua atuação se articula com a de outras entidades mais diretamente vinculadas ao empresariado. O historiador Flávio Calheiros Casimiro, autor de obra fundamental sobre a “nova direita” no Brasil, propõe que os APHs que constituem a “nova direita” se estruturam em dois grupos principais: aparelhos de ação estrutural, voltados para a reconfiguração da ossatura do estado (ou seja, da imposição das reformas ultraliberais) e aparelhos voltados à ação doutrinária, consenso e sociabilidade do capital.¹⁸ O primeiro grupo incluiria o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Empresarial (IEDI, fundado em 1989), o Instituto Atlântico (criado em 1991), o Grupo de Líderes Empresariais (LIDE, criado por João Dória em 2001) e o Movimento Brasil Competitivo (MBC, também criado em 2001). Estas entidades, comandadas pela grande burguesia, tinham como principal tarefa a reconfiguração ultraliberal do Estado brasileiro e não estão diretamente relacionados com a posterior emergência do bolsonarismo. Ainda assim, o conjunto de valores ideológicos por elas propagado – centrado em termos como competição, meritocracia e empreendedorismo – foi integralmente assimilado pelo bolsonarismo, constituindo um de seus eixos fundamentais. Já o segundo grupo tem relação direta com o conjunto de ideias que constituiria o bolsonarismo, e inclui os já citados Instituto Mises Brasil e Movimento Brasil Livre, e ainda o Instituto Liberal, constituído no início dos anos 1980 e considerado por Casimiro “o precursor dos aparelhos privados de ação doutrinária de difusão do liberalismo no Brasil”¹⁹; o Instituto de Estudos Empresariais (IEE, fundado nos anos 1980 e que desde 1988 promove o Fórum da Liberdade, um dos mais importantes eventos de propagação do pensamento ultraliberal) e o Instituto Millenium, o mais vasto aparelho liberal voltado à produção do consenso, constituído em 2006 durante o Fórum da Liberdade. A referência às organizações pesquisadas por Casimiro nos indica que embora nossa opção indique o ano de 2002 como marco significativo da ascensão desta “nova direita”, não se pode esquecer que ela remete e dá continuidade a organizações atuantes há mais tempo, especialmente a partir da transição da década de 1980.²⁰ Por sua vez, Camila Rocha, autora de outra tese fundamental sobre a Nova Direita brasileira, avalia que ela “se originou a partir da organização na internet de grupos de discussão e militância durante o auge

¹⁸ CASIMIRO, Flávio Henrique. *A Nova Direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

¹⁹ *Idem*, 260.

²⁰ Ver a respeito DREIFUSS, René Armand. *O jogo da direita*. Petrópolis: Vozes, 1989 e FONTES, Virgínia. *O Brasil e o Capital Imperialismo: teoria e história*. Rio de Janeiro: UFRJ / EPSJV, 2010 (em especial os capítulos 4 e 5).

do lulismo, entre 2006 e 2010”.²¹ Finalmente, Isabel Grassioli identifica o avanço da fascistização a partir de 2011: “o processo gradativo de fascistização vivido entre 2011-2016 – ou seja, antes de se apresentar como tal: a constituição de uma nova formação política que conseguiu organizar partidariamente os sentimentos de ‘desordem psíquica’ vivido por um processo de desestruturação do que já era dado como ‘certo’.”²²

Ainda que com diferentes recortes cronológicos propostos pelos autores, os dados acima indicados já nos permitem assentar o ponto de partida desta pesquisa, que é a proposição de que a ascensão da direita não foi algo repentino nem tampouco espontâneo. Trata-se, ao contrário do resultado de um sistemático investimento na disseminação de visões ideológicas individualistas, conservadoras, moralistas, empreendedoristas, privatistas e meritocráticas. Articuladamente, fizeram avançar concepções baseadas em um conservadorismo social e moral, permeado de concepções machistas, misóginas e homofóbicas, contando com expressivos recursos e sólida estrutura organizativa. No entanto, há outro aspecto que precisa ser levado em conta para compreender a intensidade com que as ideias conservadoras avançaram: a falta de resistências por parte do campo popular, decorrente da fragilidade das organizações e aparelhos vinculados às classes trabalhadoras, em parte decorrentes da institucionalização e transformismo do Partido dos Trabalhadores (PT) e que se estendeu às organizações por ele dirigidas, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e os sindicatos a ela filiados.²³

A pesquisa da jornalista Rosana Pinheiro Machado sobre a adesão de setores populares ao bolsonarismo corrobora a interpretação de que a desestruturação das organizações dos trabalhadores abriu caminho para o avanço bolsonarista. Segundo ela, nestes setores:

A angústia, a violência e o desalento cotidiano foram vividos de maneira individual, já que os fóruns comunitários foram esvaziados. Não havia mais nenhuma política de base de esquerda no cotidiano da periferia. O que restou então? Uma mídia hegemônica que apenas

²¹ ROCHA, Camila. “*Mais Mises, Menos Marx*”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese de Doutorado em Ciência Política. São Paulo, USP, 2018, P. 17.

²² GRASSIOLI, Isabel. *A Nova Direita no Brasil: 2011-2016: uma análise da Nova Direita no facebook*. Tese de Doutorado em História. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2019, p. 112.

²³ COELHO, Eurelino. *Uma esquerda para o capital: o transformismo dos grupos dirigentes do PT: 1979-1998*. São Paulo: Xamã, 2013.

batia na corrupção do PT, igrejas evangélicas oferecendo conforto, e um candidato autoritário prometendo, pelo *whatsapp*, revolucionar o país.²⁴

Os governos petistas sustentaram-se politicamente em vastas alianças com setores conservadores como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), concedendo-lhes posições de poder. Neste contexto, enquanto qualquer proposta do governo que indicasse algum avanço progressista (como o já citado Programa Brasil sem Homofobia) era bloqueada, os grupos mais reacionários se fortaleciam. Assim, não é de estranhar que parte significativa destes grupos que participaram dos governos petistas posteriormente apoie e integre o governo Bolsonaro, como é o caso da própria IURD, e também do próprio Guilherme Afif Domingos, que passou de Secretário da Micro e Pequena Empresa no governo Dilma Rousseff a Assessor Especial de Empreendedorismo e Desburocratização do governo Bolsonaro.

Outro fator igualmente decisivo é o efeito ideológico das transformações pelas quais passou o Partido dos Trabalhadores. O PT era identificado como principal partido de esquerda pelas classes trabalhadoras e por isto quando passou a reproduzir visões liberais, ainda que de forma parcial e matizada, isto teve grande impacto ideológico. Como registrou o sociólogo Edmundo Fernandes Dias, antes do avanço conservador tomar a forma de manifestações de massa, a opção sistemática pelo não enfrentamento ideológico contra a direita cobraria elevado preço:

Partidos e movimentos radicalizados antes da sua chegada ao governo, chefiados por personagens de grande legitimidade política e social ao tomar posse, praticaram um programa absolutamente contrário ao que falavam antes. Decapitaram as direções dos subalternos, transformando-nas em administradores ditos modernizantes do Estado capitalista e os antigos *compagnons de route* e movimentos sociais antes partícipes do mesmo movimento são agora tratados como sabotadores, fracassomaníacos, etc. Participaram um giro de 180°, sem sequer ocultar o fato, embora negassem no plano dos discursos para as massas.²⁵

Já em 2006 – ano em que Lula foi reeleito com grande votação - Dias identificava condições para o avanço da direita radical, apontando que “as classes subalternas já foram, em grande medida, desorganizadas, e suas direções decapitadas”, indicando que neste contexto “a

²⁴ PINHEIRO MACHADO, *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*, São Paulo, Planeta, 2019, 103.

²⁵ DIAS, Edmundo Fernandes. *Revolução passiva e modo de vida: Ensaio sobre as classes subalternas, o capitalismo e a hegemonia*. São Paulo: Sundermann, 2012, p. 154.

contrarrevolução ameaça não apenas a desaparecimento da subjetividade antagônica mas, levada a seu extremo, o que está em jogo é a própria liquidação física da classe antagônica.²⁶ Certamente quando naquele momento falava em liquidação física da classe antagônica, Dias não tinha como imaginar a dimensão da tragédia brasileira 14 anos depois, enormemente amplificada com a gestão bolsonarista da Pandemia. Mas o massacre cotidiano da população jovem negra e periférica, o crescimento da violência policial e a autonomização e impunidade das milícias constituídas no interior do aparato policial militar já eram uma realidade, que os governos petistas não puderam ou não priorizaram enfrentar.

Isto se intensifica pela propagação por lideranças petistas de discursos que reproduzem a lógica liberal meritocrática e individualista. Um dos casos mais célebres é a manifestação do então prefeito de São Paulo (que em 2018 seria o candidato presidencial do PT), no auge das mobilizações populares de junho de 2013, quando confrontou os manifestantes e desqualificou sua principal reivindicação (o estabelecimento do passe livre no transporte público subsidiado com recursos públicos) através de um vocabulário liberal: “*Tem tanta coisa que podia vir na frente, podia ser almoço grátis, jantar grátis, ida pra Disney grátis. Começa a ficar uma conversa que você não sabe aonde vai dar*”.²⁷ Uma afirmação como esta tem forte impacto ideológico e contribui para a deslegitimação dos movimentos contestatários. Citando Dias uma vez mais, “*trata-se da captura da subjetividade dos antagonistas*”.²⁸

Assim, de um lado a cooptação e desmobilização dos movimentos populares e sindicatos desarmou as resistências, e de outro difundiram-se discursos conciliadores e liberais propagados por dirigentes políticos identificados como “de esquerda”. Foi neste contexto que os movimentos conservadores tomaram as ruas em 2015, impulsionaram a deposição de Dilma Rousseff em 2016 e culminaram na eleição de Bolsonaro em 2018.

Jair Bolsonaro era até 2015 um tradicional político de direita, conhecido por suas declarações machistas, racistas e homofóbicas e pela defesa de pautas corporativas dos militares. Eleito vereador no Rio de Janeiro em 1988 defendendo os interesses salariais dos militares, foi deputado federal entre 1991 e 2018. Bolsonaro era integrante do chamado “baixo clero”, constituído pelos parlamentares inexpressivos, eleitos por uma clientela fiel (no

²⁶ DIAS, Edmundo Fernandes. *Política brasileira: embate de projetos hegemônicos*. São Paulo: Sundermann, 2006, p. 217.

²⁷ “Para conseguir passe livre em SP ‘é melhor eleger um mágico’, diz Haddad”. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/01/para-conseguir-passe-livre-em-sp-e-melhor-eleger-um-magico-diz-haddad.html>, acessado em 11/12/2018.

²⁸ DIAS, 2012, op. cit., p. 129.

caso de Bolsonaro, os militares, muito numerosos no Rio de Janeiro) e que trocam apoio político por verbas de emendas parlamentares. Com poucos projetos apresentados ao longo de 27 anos de atividades parlamentar e quase nenhuma presença nos debates da Câmara dos Deputados, Bolsonaro causava incômodo pelo seu reacionarismo extremo, mas não parecia expressar uma ameaça nem se imaginava que poderia se tornar o líder de um movimento de caráter fascista ou de um projeto fascistizante²⁹. Ao longo de sua trajetória parlamentar, integrou inúmeros partidos conservadores tradicionais com fortes características fisiológicas (Partido Democrata Cristão, Partido Popular Renovador, Partido Progressista Brasileiro, Partido Trabalhista Brasileiro, Partido da Frente Liberal, Partido Progressista). Em 2016, já no contexto de explicitação e acirramento da ofensiva reacionária, Bolsonaro ingressou no Partido Social Cristão, legenda com forte presença de pastores evangélicos. Em 2017, firmou compromisso com o Partido Ecológico Nacional, que inclusive mudou de nome para Patriotas para receber Bolsonaro, mas mudou de ideia e ingressou no Partido Social Liberal.

Constituído em 1994, o Partido Social Liberal permaneceu duas décadas como partido de pouca expressão, uma típica “legenda de aluguel”, muitas vezes utilizada por grupos políticos em eleições regionais, mas sem expressão ou identidade nacional. Na única eleição em que apresentou candidato à presidência, em 2006, seu fundador e principal líder, Luciano Bivar, obteve irrisórios 62.064 votos (0,06% do total). Junto com Bolsonaro, ingressaram no PSL inúmeros policiais, delegados, militares e ex-militares, pastores, radialistas e diversos outros aventureiros dispostos a surfar na onda do bolsonarismo. O PSL não se configurou como um partido tipicamente fascista, restringindo-se à condição de legenda eleitoral, um partido sem organicidade, reconfigurado para abrigar a candidatura de Bolsonaro e eleger uma bancada parlamentar em seu apoio.

O período entre 15 de março de 2015 e 13 de março de 2016 compreende cinco datas nas quais ocorreram manifestações nacionalmente unificadas contra a presidenta Dilma Rousseff. Foi a primeira vez desde 1964 que se realizaram grandes manifestações de massa com perfil claramente reacionário no Brasil. Embora disputando a hegemonia do movimento com a direita liberal-democrática, representada pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), foi neste terreno que as diversas correntes fascistas se unificaram sob o

²⁹ A mais notória liderança fascista nos anos 1990 foi Enéas Carneiro, candidato presidencial em 1989, 1994 e 1998, eleito deputado federal em 2002 com mais de um milhão e meio de votos e reeleito em 2006, tendo falecido no ano seguinte. Carneiro esteve à frente da construção de um partido claramente fascistizante (Partido de Reedificação da Ordem Nacional – PRONA), mas jamais contou com qualquer apoio da burguesia brasileira, que não se identificava com seu radical nacionalismo econômico.

bolsonarismo. Como indica o historiador Marcelo Badaró Mattos, estas manifestações “acabaram por se constituir na base de sustentação social da emergência do neofascismo à brasileira.³⁰ De acordo com ele, o apoio ao bolsonarismo das classes médias - que constituíram a maior parte da massa de manifestantes - “*combina-se, de forma indissociável, com um amálgama ideológico preconceituoso e reacionário que sustenta uma visão de status social superior*”.³¹ Impossível não lembrar da referência de Gramsci, escrita no momento em que o movimento fascista ganhava força, ao “povo dos macacos” “*que acredita ser superior a todos os outros povos da selva, que acredita possuir toda a inteligência, toda a intuição, todo o espírito revolucionário, toda a sabedoria de governo, etc., etc*”.³² Mattos conclui indicando que “*Há elementos suficientes para afirmar uma vinculação orgânica entre os movimentos de massas, com composição dominante de setores médios, que serviram de justificativa para o Golpe de 2016, e a base eleitoral de Bolsonaro em 2018*”.³³

Os setores médios constituíram a principal base social do bolsonarismo, mas para triunfar nas eleições presidenciais era necessário avançar junto aos setores populares, e para isto a intervenção de diversas igrejas evangélicas e de setores da Igreja Católica foi determinante. A aproximação com os fundamentalistas religiosos tinha iniciado em 2014, através do apoio ao Escola sem Partido e apresentação dos diversos projetos de lei, que na Câmara dos Deputados foram propostos por deputados vinculados à Frente Parlamentar Evangélica.³⁴ A passagem de Bolsonaro pelo PSC permitiu aprofundar esta aliança, selada com o batizado de Jair Bolsonaro no Rio Jordão, por um pastor evangélico e com as reiteradas críticas à suposta “ideologia de gênero”. A articulação com o olavismo complementaria este processo. Como indica Badaró Mattos, o clã Bolsonaro recorreu a Olavo de Carvalho, autointitulado “filósofo”, na tentativa “de dotar o bolsonarismo de uma ‘filosofia’, no sentido de uma visão mais articulada e totalizante, que confere sentido a sua ação política.”³⁵

As mobilizações culminaram com o afastamento de Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016. Os políticos ligados ao PSDB e a seus aliados (como o Democratas) pretendiam que este fosse apenas mais um capítulo da polarização entre PT e PSDB que marcava a política

³⁰ MATTOS, Marcelo Badaró. *O governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*, São Paulo: Usina Editorial, 2020, p. 182.

³¹ Idem, 190.

³² GRAMSCI, Antonio. *Escritos Políticos*, Volume 2, 1921-1926, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004, p. 31.

³³ MATTOS, 2020, op. cit., 202.

³⁴ MOURA, 2016, op. cit.

³⁵ MATTOS, 2020, op. cit., 172.

brasileira desde 1994. No entanto, as manifestações de rua impulsionaram a constituição de um terceiro polo, fundado em uma retórica *antiestablishment* e que não titubeava em assumir posições extremistas como a defesa de “intervenção militar constitucional”. Foi no bojo deste processo que em 2017 era possível ver uma clara mudança na configuração do espectro político brasileiro, presente sobretudo nas redes sociais, fartamente utilizadas pela extrema-direita. Como registrava então o “Monitor do debate político no meio digital”, naquele momento a direita estava “*estruturada em torno das páginas dos Bolsonaro e do MBL*”, articulando matrizes discursivas como o militarismo, o armamentismo, o “masculinismo” (misoginia), o patriotismo e o liberalismo/conservadorismo, na apreciação dos autores do estudo, “*surpreendentemente indissociáveis enquanto comunidade de leitores, que inclui tanto os Institutos Mises e Liberal, o PSL e o NOVO quanto páginas como Jovens de Direita, Tradutores de Direita e Sempre Família*”.³⁶

Fascismo e Fascistização

Nossa abordagem propõe o bolsonarismo pode ser qualificado como movimento de caráter fascista (ou neofascista) e que embora seu governo não tenha sido estritamente fascista, foi marcado por um forte componente fascistizante e sempre orientado por uma perspectiva de imposição de uma ruptura institucional. Mas, como pensar a intervenção de uma liderança e de um movimento de caráter fascista (ou neofascista) em um contexto político onde ainda subsiste (ainda que debilitado e fragilizado por intimidações e ameaças) um Estado Democrático de Direito? A noção de fascistização, que enfatiza o caráter processual e progressivo da transformação de um regime político democrático para ditatorial permite compreender este contexto aparentemente contraditório, e portanto, recorreremos a ela. Mas antes é necessário, ainda que de forma muito breve, indicar alguns elementos que consideramos fundamentais para identificar um movimento como fascista:

Em nosso entendimento, essa especificidade remete à articulação entre dois componentes: um núcleo ideológico reacionário (que é muitas vezes compartilhado com diversos outros movimentos reacionários não fascistas) e uma forma particular de organização que o diferencia. Quanto à primeira questão, há incontáveis proposições de quantos e quais seriam os elementos que configuram um «fascismo mínimo», abarcando anticomunismo, antiliberalismo político, ultranacionalismo, discurso antissistema e antipartido, criação de

³⁶ Monitor do debate político nas redes sociais. “Análise estrutural das páginas de direita no facebook”. Disponível em <http://bit.ly/2x4W22D>, consultado em 26/10/2020.

inimigos sociais, elitismo, estadolatria, anti-intelectualismo, denúncia do grande capital, militarismo e armamentismo e veneração ao líder / mito. Estes elementos se combinam de formas variadas e com distintos pesos específicos em cada experiência fascista. Um exemplo claro é a criação de inimigos sociais, uma característica que é presente em todos os movimentos fascistas, mas que assume conteúdos muito variados, podendo por exemplo abarcar judeus, islâmicos ou cristãos, de acordo com os diferentes contextos específicos. Outros elementos, como o racismo, costumam estar presentes, mas também assumem diferentes formas, podendo se dirigir a grupos étnicos específicos ou a imigrantes de forma mais ampliada.³⁷

Quanto a forma particular de organização que o diferencia, ela remete fundamentalmente ao caráter miliciano, à perspectiva de organização militante com vistas à estruturação de uma tropa de choque capaz de impor a intimidação e a violência terrorista. A milícia fascista é a base fundamental de seu poder e uma das melhores definições sobre sua centralidade para compreensão do fascismo foi dada por Antonio Gramsci há mais de um século, antes mesmo que o fascismo tivesse se constituído como força de governo:

O que é o fascismo, visto numa escala internacional? É a tentativa de resolver os problemas da produção e da troca através de rajadas de metralhadoras e de tiros de pistola. (...) Existe em todos os países um estrato da população – a pequena e média burguesia que considera ser possível resolver estes gigantescos problemas com metralhadoras e pistolas. É este estrato que alimenta o fascismo, que fornece seus efetivos.³⁸

Neste sentido, o fascismo mobiliza ressentimentos e frustrações próprios da pequena burguesia, os converte em força ativa de uma estrutura militante reacionária que é reforçada pelo falseamento de uma posição antissistema. Este elemento, por mais inverídico e artificial, é imprescindível, pois como indicou Wilhelm Reich, o fascismo como movimento de massas “*não é, como geralmente se vê, um movimento exclusivamente reacionário, mas sim um amálgama de sentimentos de revolta e ideias sociais reacionárias*”.³⁹ Seu papel histórico, portanto, é converter este sentimento de revolta em uma força política reacionária, o que se dá de forma muito mais intensa em contextos de agravamento da crise capitalista. É claro que isto produz contradições, sobretudo porque para avançar o processo de fascistização o governo fascista necessita produzir um arranjo de entendimento com as velhas classes

³⁷ CALIL, Gilberto. Brasil: o negacionismo da pandemia como estratégia de fascistização. *Materialismo Storico* — *Rivista Di Filosofia, Storia E Scienze Umane*, 9(2), 70–122.

³⁸ Idem, 46.

³⁹ REICH, 1988, op. cit., p. XXI.

dirigentes, o que muitas vezes não é bem aceito pelos seus aderentes. As contradições e insatisfações produzem cisões, mas tendem a ser minimizadas pela força da liderança.

Do Bolsonarismo ao governo Bolsonaro

Embora seu avanço ideológico, como discutimos anteriormente, fosse contínuo e progressivo por mais de uma década, foram as mobilizações de rua entre 2015 e 2016 que permitiram consolidar a plena estruturação do campo da extrema-direita. Virulentamente anticomunista, “conservador nos costumes e liberal na economia” e que identificava em Jair Bolsonaro o “Mito” que conduziria uma contra-revolução conservadora, o fascismo se viabilizava então como perspectiva política e como projeto eleitoral específico.

Desde o lançamento de sua candidatura, a campanha presidencial de Bolsonaro reforçaria sua identificação com o fascismo, expressa no lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, que acrescentava o componente religioso expresso na segunda parte do slogan à tradução estrita do slogan nazista (*Deutschland über alles*). Sua campanha eleitoral adotou também o slogan “Deus Pátria e Família”, retomando literalmente o lema do integralismo, o principal movimento fascista histórico brasileiro que nos anos 1930 reuniu centenas de milhares de adeptos⁴⁰. Bolsonaro escolheu como vice o general Hamilton Mourão, vinculado ao Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), que a despeito da exótica designação, congrega basicamente militares e grupos de extrema-direita, incluindo neointegralistas.

Apoiado apenas por dois partidos de reduzida expressão e base parlamentar insignificante, Bolsonaro teve direito a apenas 8 segundos no programa eleitoral gratuito de rádio e televisão, o que ajudou a reforçar seu discurso antissistema, utilizando-se fartamente das redes sociais, com uma agressiva estratégia de comunicação baseada na propagação de informações inverídicas, sob assessoria de Steve Bannon. Sua campanha foi baseada no anticomunismo e no pânico moral, propagando a ameaça de uma “ditadura gayzista” e divulgando que os governos do Partido dos Trabalhadores distribuía mamadeira com o bico em forma de pênis para “promover o homossexualismo”.

Bolsonaro foi eleito, tendo obtido 49.277.010 votos no primeiro turno (46.03% dos votos válidos) e 57.797.847 votos no segundo turno (55.13%), o que significa praticamente

⁴⁰ CALIL, Gilberto. *O Integralismo no processo político brasileiro - O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa*, Tese de Doutorado em História. Niterói: UFF, 2005.

metade (49,85%) do total de eleitores votantes (considerados aqui os brancos e nulos), e 39,2% do total de eleitores aptos a votar. Seu partido elegeu 52 deputados (10.14% do total) e 4 senadores (7% das vagas em disputa), incluindo Flávio Bolsonaro no Senado e Eduardo na Câmara dos Deputados. Já o PRTB não elegeu nenhum parlamentar.

Apesar do crescimento extraordinário do PSL (que em 2014 elegera apenas um deputado), os resultados deixaram Bolsonaro sem maioria parlamentar. O PT foi o partido que elegeu maior número de cadeiras (54), pouco mais de 10%. Apesar da fragmentação do Parlamento em 30 partidos, há um nítido predomínio de parlamentares e partidos conservadores tradicionais claramente identificados com a “velha política” tão atacada no discurso bolsonarista, obrigando-o a equilibrar seu discurso antissistema com as cada vez mais explícitas barganhas realizadas para obtenção de apoio parlamentar, que se tornaram ainda mais destacadas na segunda metade de seu governo, quando Arthur Lira (Progressistas) assumiu a presidência da Câmara e tornou-se principal articulador do apoio político ao governo Bolsonaro.

A análise de Marcelo Badaró Mattos do primeiro ano do governo Bolsonaro nos revela o convívio de três grupos distintos que disputavam posições de poder e os rumos do governo. Embora compartilhando uma mesma perspectiva anticomunista e antipopular e unificados no ataque aos direitos dos trabalhadores: “militares, olavistas e ultraliberais convergiram em alguns momentos para apoiar determinadas linhas políticas do governo. O melhor exemplo se dá em torno da pauta econômica de retirada de direitos dos trabalhadores.⁴¹ Para o autor, não se tratava de um governo estrito e homogêneo fascista, mas ainda assim considera que “seria factível destacar a predominância da dimensão ou componente neofascista”.⁴²

A perspectiva de fascistização esteve sempre presente ao longo do governo Bolsonaro, mas foi limitada pela ausência de um partido fascista. Ainda que o próprio Bolsonaro tenha em algum momento afirmado sua opção por constituir um partido de novo tipo – a Aliança pelo Brasil – este não se efetivou e sequer as assinaturas necessárias para sua legalização foram obtidas. As oscilações táticas fderam-se ao longo de todo o período do governo Bolsonaro e em certos momentos passaram a impressão de uma política errática – como por exemplo, a sequência de ataques e recuos na relação com o Supremo Tribunal Federal, ou ainda a ampliação de base parlamentar com acordos com o Centrão seguida por um explícito

⁴¹ Idem, 234

⁴² Idem, 234.

ensaio golpista em 7 de setembro de 2021, encerrado em um recuo visto por muitos como humilhante. No entanto, refletindo historicamente sobre o processo de fascistização e mesmo considerando-se as formas concretas pelas quais se deu por exemplo na Itália de Mussolino, estas oscilações não expressam falta de direção, mas ao contrário evidenciam uma permanente política de testar os limites da institucionalidade e buscar alargar seus instrumentos de poder.

Ainda assim, a derrota (momentânea) do Bolsonarismo que se deu em dois atos – eleitoral e pós-eleitoral – indica uma deficiência, que parece estar relacionada à incapacidade de constituir e consolidar uma milícia fascista. Apoiadores bolsonaristas foram pródigos em realizar ameaças e tentativas de intimidação nas redes sociais, mas a despeito de atos de violência que marcaram a campanha eleitoral de 2018 e novamente foram vistos na de 2022, não houve uma generalização da violência fascista durante os quatro anos em que Bolsonaro esteve à frente do governo. De fato, ainda que Bolsonaro fosse mitificado por número expressivo de apoiadores e que estes demonstrassem seu apoio incondicional, chegaram a constituir uma milícia organizada como força paramilitar com capacidade e condições de intervenção para impor uma ruptura institucional. Um dos possíveis fatores desta limitação passa pela relação de Bolsonaro com as Forças Armadas, às quais confiou inclusive a primazia na imposição de um golpe de Estado.

O fracassado levante golpista de 8 de janeiro de 2023, a despeito de sua explícita violência, expressa finalmente a insuficiência da capacidade das protomilícias bolsonaristas, menos preparadas e menos organizadas do que seria necessário para deflagrar um golpe de Estado em um contexto em que nem o Comando das Forças Armadas nem os principais grupos econômicos estavam dispostos a hipotecar apoio político.

Considerações finais

A constituição de um governo fascistizante, sustentado por um movimento de caráter fascista (ainda que destituído de um partido estritamente fascista) não pode ser compreendida na curta duração nem é mero acidente da conjuntura política. Ao contrário, o processo de ascensão da direita que toma vulto em 2015 e 2016 com as mobilizações pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff e redundam na conformação do bolsonarismo e na eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República em 2018 têm seu fundamento no avanço organizativo da direita radical que remonta no mínimo ao ano de 2002. Neste sentido, a

pesquisa em curso nos indica que é possível identificar diferentes momentos e estágios deste processo.

O primeiro deles inicia-se em 2002 – ano da eleição de Lula da Silva, mas também de constituição do sítio eletrônico Mídia sem Máscaras, que funcionaria como espaço de agregação e de articulação de inúmeros intelectuais e movimentos de caráter reacionário e perdura mais de uma década, tendo como elemento central a propagação ideológica e a disputa por hegemonia. Ao contrário de interpretações vigentes, não compreendemos as Jornadas de Junho de 2013 como marco inicial ou decisivo do avanço da direita, mas como um processo marcado em suas origens pela tentativa de impor uma resistência a esta avanço, e na qual embora tenham se feito presentes também grupos e consigner reacionários, os grupos de direita e extrema-direita não conseguiram convocar e dirigir manifestações de massa, tendo fracassado em iniciativas como a “greve geral sem sindicatos” e a “Operação Sete de Setembro”. Foi sobretudo por explicitar e agravar a crise política e a ampla insatisfação social que, de forma indireta, as Jornadas incidiram no processo, e o fato de que a direita fascista tenha conseguido captar esta insatisfação e dar a ela um sentido reacionário não decorre das manifestações, mas da organização e das opções feitas por cada campo político.

O segundo momento se segue ao estelionato eleitoral praticado pelo governo petista na sequência da eleição de 2014, quando ignorou o discurso de campanha e impôs uma política econômica neoliberal e marcada por ataques aos direitos dos trabalhadores. Isto criou condições para que finalmente a direita conseguisse ocupar as ruas a partir de atos convocados por ela própria. É verdade que a iniciativa inicial foi da direita liberal, que tinha um planejamento muito distintos, pretendendo apenas destituir o governo petista, avançar mais intensamente as reformas neoliberais e na eleição seguinte eleger alguma figura tradicional do liberal-conservadorismo brasileiro. No entanto, o espaço das ruas deu à extrema-direita a oportunidade de um avanço rápido e impressionante, passando rapidamente a reunir em seus trios elétricos o maior público, radicalizando as palavras de ordem e consignas e dando a efetiva direção ao processo.

O terceiro momento deste processo toma como ponto de partida a consolidação do bolsonarismo como movimento de massas com capacidade de agregar distintas organizações e grupos da extrema direita que se fortaleceram nas mobilizações golpistas e assume a forma de uma candidatura presidencial e, a partir de sua posse, de um governo fascistizante, que interviu de forma sistemática para fragilizar as instituições do Estado de Direito vigente,

visando preparar condições para uma ruptura institucional. Em diferentes momentos, foi um governo que apostou na crise, como revela a gestão bolsonarista da Pandemia, na qual articulam-se a propagação de desinformação, a responsabilização de seus adversários políticos por todos os problemas e a perspectiva de produção de uma grave crise institucional e social que abra caminho para a pretendida ruptura institucional. Ainda assim, em grande parte pelas dimensões enormemente trágicas desta política, não conseguiu, por escassa margem, impor sua reeleição nem esmagar a institucionalidade vigente através de um golpe de Estado.

Bibliografia citada

- AFIF DOMINGOS, Guilherme. Informar e estimular o debate. In: CARVALHO, Olavo. *Cartas de um terráqueo ao Planeta Terra*. São Paulo: Jornal do Comércio, 2007, p. 3.
- CALIL, Gilberto. *L'astrologue qui inspire Jair Bolsonaro*, *Le Monde Diplomatique*, Paris, n° 791, jan. 2020, p. 16
- CALIL, Gilberto. *O Integralismo no processo político brasileiro - O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa*, Tese de Doutorado em História. Niterói: UFF, 2005.
- CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a Ascensão da extrema-direita. *Argumentum*, Vitória, 13, no. 2 (agosto 2021), p. 64–82.
- CALIL, Gilberto. Brasil: o negacionismo da pandemia como estratégia de fascistização. *Materialismo Storico — Rivista Di Filosofia, Storia E Scienze Umane*, 9(2), 70–122.
- CASIMIRO, Flávio Henrique. *A Nova Direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- COELHO, Eurelino. *Uma esquerda para o capital: o transformismo dos grupos dirigentes do PT: 1979-1998*. São Paulo: Xamã, 2013.
- DAL PAI, Raphael. *Instituto Ludwig von Mises Brasil: os arautos do anarcocapitalismo*. Dissertação de Mestrado em História. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2017.
- DREIFUSS, René Armand. *O jogo da direita*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- FONTES, Virgínia. *O Brasil e o Capital Imperialismo: teoria e história*. Rio de Janeiro: UFRJ / EPSJV, 2010.
- FONTES, Virgínia. Sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e luta teórica na década de 1980. In: NEVES, Lucia Maria Wanderley & LIMA, Júlio César (orgs.). *Fundamentos da educação escolar do Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006, p. 201-239.
- GRAMSCI, Antonio. *Escritos Políticos*, Volume 2, 1921-1926, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Volume 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

- GRASSIOLLI, Isabel. *A Nova Direita no Brasil: 2011-2016: uma análise da Nova Direita no facebook*. Tese de Doutorado em História. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2019
- MATTOS, Marcelo Badaró. *O governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*, São Paulo: Usina Editorial, 2020.
- MIRANDA, João Elter. *A patrulha ideológica da burguesia: a atuação do partido Movimento Brasil Livre na construção do Golpe de 2016*. Dissertação de Mestrado em História. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2021.
- MOURA, Fernanda. “*Escola sem Partido*”: relações entre Estado, educação e religião e os impactos no ensino de História. Dissertação em Ensino de História, Rio de Janeiro, UFRJ, 2016.
- PAIVA, Gabriel. *A influência do Movimento Escola sem Partido no debate educacional brasileiro: da suposta neutralidade à defesa do Homeschooling (2004-2020)*. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2021.
- PATSCHIKI, Lucas. *Os litorais de nossa burguesia: o Mídia Sem Máscaras em atuação partidária*, Dissertação de Mestrado de História. Unioeste: Marechal Cândido Rondon, 2012.
- PINHEIRO MACHADO, *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*, São Paulo, Planeta, 2019.
- PUGLIA, Leonardo. Gramsci e os intelectuais de direita no Brasil contemporâneo. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2018, p. 40-52.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martin Fontes, 1987.
- ROCHA, Camila. “*Mais Mises, Menos Marx*”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese de Doutorado em Ciência Política. São Paulo, USP, 2019.